

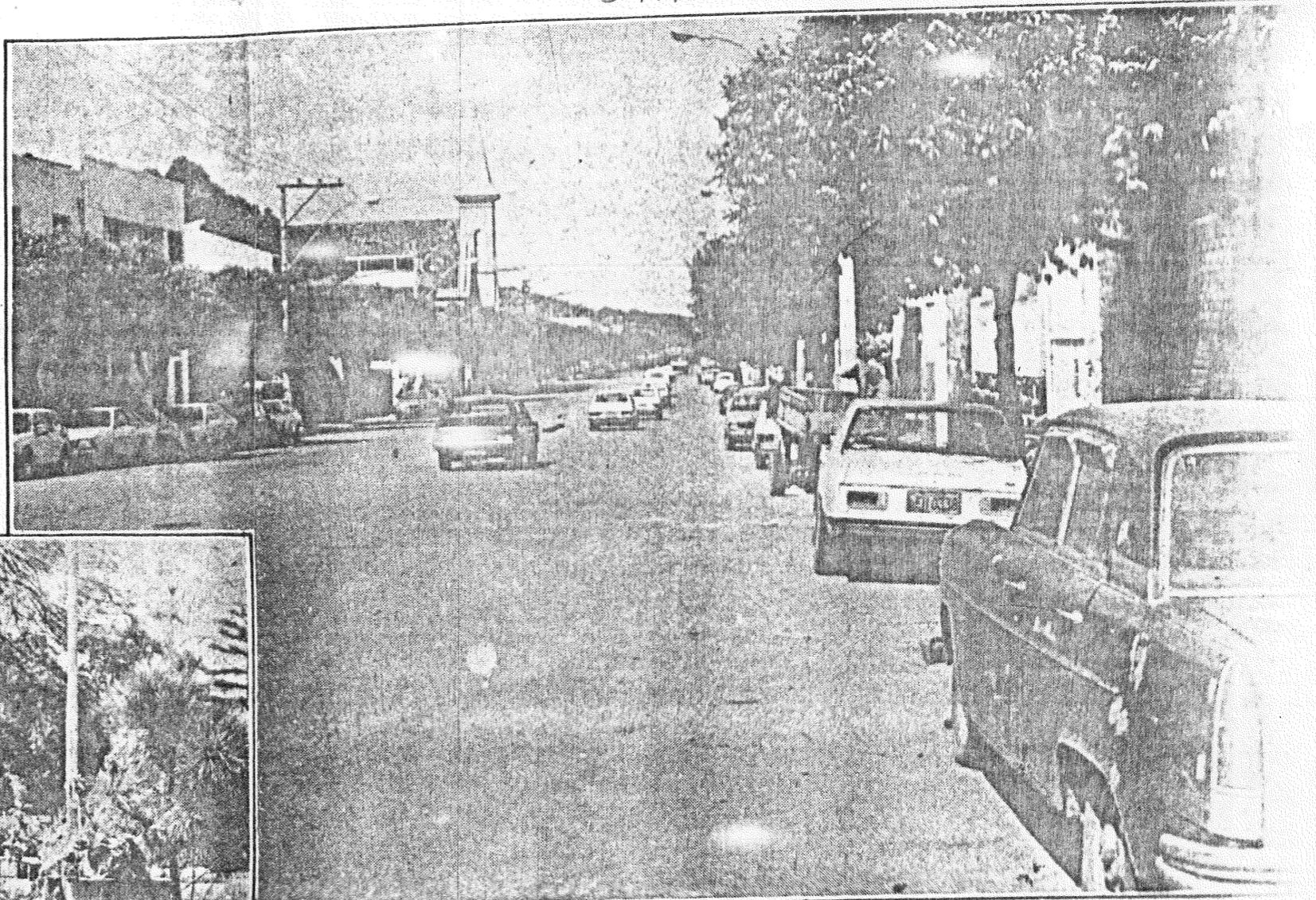
JUCUTUQUARA

Um passado de história

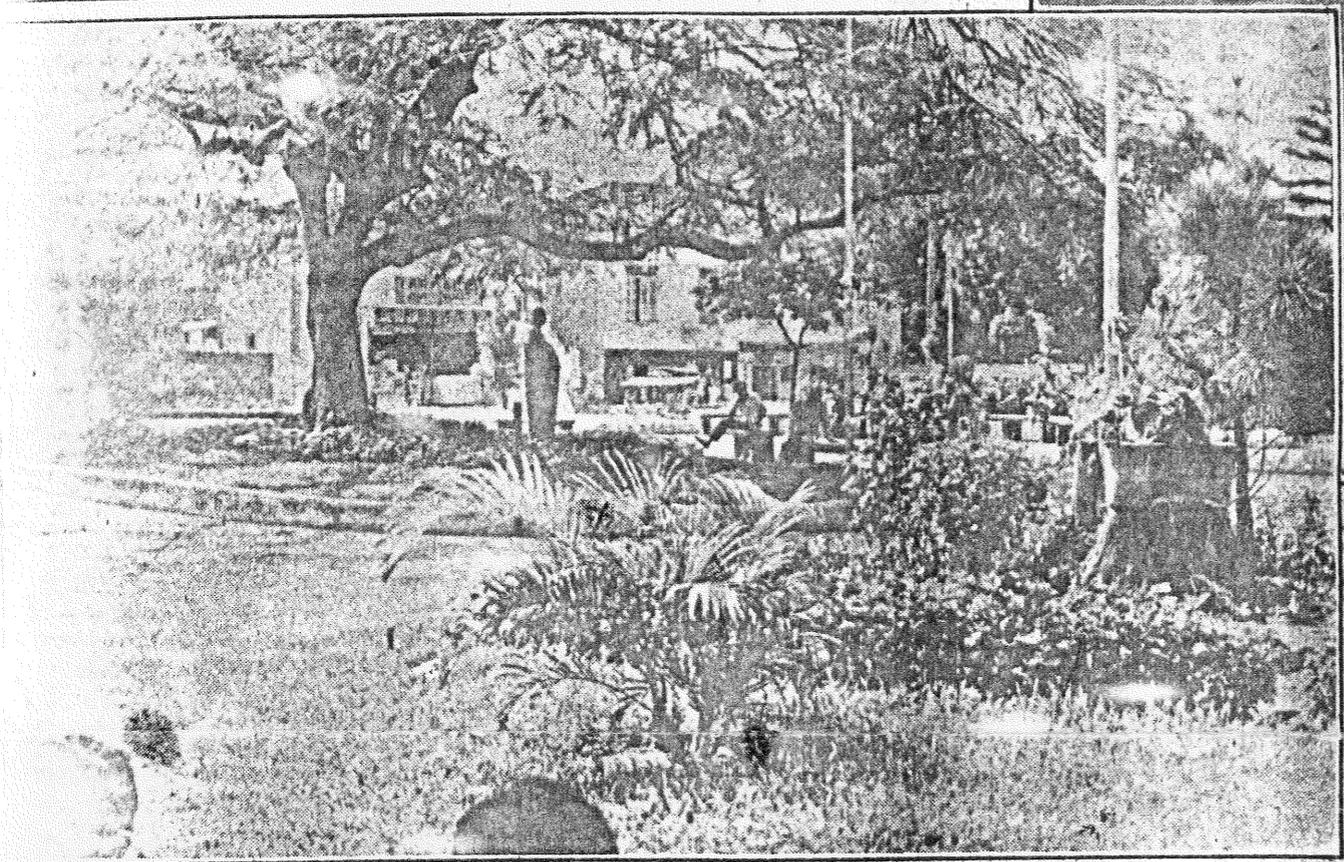
A119527

Jucutuquara dobrou sua população nos últimos 15 anos, mas, ainda assim, consegue manter seu ar provinciano. Um comércio ativo e um grande movimento de veículos, no entanto, mantêm aceso

o espírito comunitário dos seus moradores. E é ali na pequena e única praça do bairro que eles se reúnem para conversar, como acontece somente nas pequenas cidades do interior.



A movimentação do trânsito é frequente, mas assim mesmo o bairro preserva uma certa calma



A famosa praça do bairro, em cujos bancos os moradores mais antigos conversam no final do dia

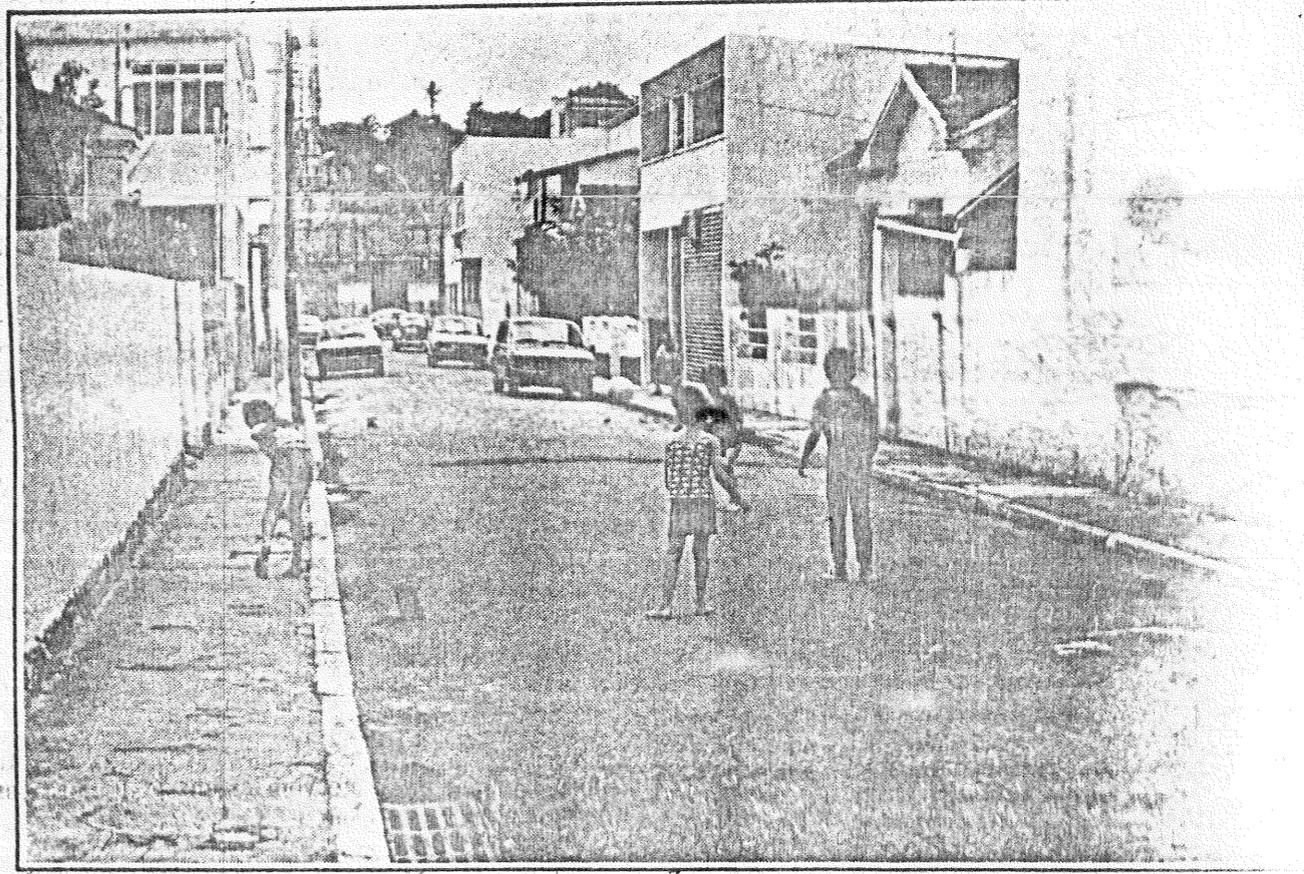
Para os moradores de Jucutuquara, o bairro consegue ainda manter seu espírito provinciano dentro de uma capital que cresce num ritmo alucinante. Uma comunidade pequena que, entretanto, segundo o comerciante Reginaldo Roseti, dobrou sua população nos últimos 15 anos. Apesar disso, não há ali qualquer comércio com mais de quatro andares.

A violência não é uma constante em Jucutuquara e em sua pequena e única praça os moradores se reúnem todas as tardes para conversar, num ambiente muito parecido com o das cidades do interior. O comércio é ativo e as suas antes tranquilas avenidas — principalmente a

em sua segunda visita ao Brasil. Ainda segundo Derenzi, o atual bairro de Jucutuquara é obra de basicamente dois governadores: Nestor Gomes e Florentino Avidos. O primeiro teria dado os primeiros passos para urbanizar o local, dando-lhe uma infra-estrutura, ao desapropriar os terrenos do Barão de Monjardim. Construiu em seguida a estrada que liga Jucutuquara ao vizinho bairro de Fradinhos e Maruípe, além de canalizar o córrego que atravessava o bairro e aterrar os mangues que contornavam o local Florentino Avidos. Terminou também a terraplenagem e construiu a atual avenida Paulino Muller, ainda avenida '5 de Novembro.

Jucutuquara é o berço de dois dos mais tradicionais times de futebol de Vitória: o Rio Branco e o Vitória. Assim como o Rio Branco, o Vitória tinha sua sede em Jucutuquara, apesar de o campo localizar-se em outro bairro. O Rio Branco tinha, por sua vez, seu campo em Jucutuquara mesmo. Seu ex-estádio pertence agora ao Estado pela segunda vez, aparentemente, pois já o teria recuperado uma vez. Dizem que a rivalidade entre os dois clubes é acirrada no bairro. Como se sabe, a Desportiva só viria a aparecer por volta da década de 60, do outro lado da cidade.

Além do estádio do Rio Branco, Jucutuquara perdeu muito dos seus



Jucutuquara guarda ainda alguma tranquilidade em suas ruas, onde as crianças podem até jogar bola

foi o mesmo prefeito que abriu a pontes "bastante pitorescas"

Reginaldo Rosetti, dobrou sua população nos últimos 15 anos. Apesar disso, não há ali qualquer prédio com mais de quatro andares.

A violência não é uma constante em Jucutuquara e em sua pequena e única praça os moradores se reúnem todas as tardes para conversar, num ambiente muito parecido com o das cidades do interior. O comércio é vivo e as suas ruas tranquilas. As avenidas — principalmente a Paulino Muller — hoje apresentam grande movimento de veículos. Seus moradores, de uma forma geral, consideram que Jucutuquara mantém as mesmas características de convivência comunitária de 20 anos atrás.

“O importante aqui — afirma Reginaldo Rosetti — é que todo mundo se conhece e procura se ajudar ao máximo”. Morador no bairro desde 1948 e proprietário de uma mercearia que tem o seu nome, Reginaldo considera Jucutuquara “um excelente bairro para morar, o melhor de Vitória”. Essa parece ser, inclusive, a opinião da maioria dos moradores.

Geograficamente, Jucutuquara é um bairro bem localizado: a meio caminho entre a Praia do Canto e o centro de Vitória, com uma quantidade considerável de ônibus transitando pela região, transporte coletivo não se constitui num problema para seus moradores. Jucutuquara é um lugar tradicional e as eventuais modificações sofridas através do tempo não contribuíram para sua desfiguração. Boa parte de seus moradores têm mais de 20 anos de vida no local.

A HISTÓRIA

Muitos moradores do bairro lembram ainda a época em que o local hoje ocupado pela Escola Técnica era mangue. A história escrita de Jucutuquara, contudo, vai mais longe ainda. No livro *Biografia de uma Ilha*, uma das poucas fontes da história de Vitória, o autor Luiz Serafim Derenzi registra que, no final do século XVIII, Jucutuquara era uma fazenda importante dentro de Vitória. No final deste século, a região passou a pertencer ao capitão-mor Francisco Pinto de Azevedo. Foi ele que construiu o tão famoso Solar dos Monjardins, transformado atualmente em museu, tendo sido tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional. A ligação do Solar dos Monjardins e do próprio bairro de Jucutuquara com a família Monjardim data desta época: Francisco Pinto de Azevedo era sogro de José Francisco de Andrade Monjardim, que, por sua vez, era pai do Barão de Monjardim. O solar chegou a abrigar, durante uns tempos, o Padre Diogo Feijó e o senador Nicolau Vergueiro, ambos revolucionários em 1912, como mensagem, uma espécie de prisão domiciliar.

Em 1818, Jucutuquara recebeu um visitante ilustre, Sanit-Hilaire,

estrada que ligava Jucutuquara ao vizinho bairro de Fradinhos e Maruípe, além de canalizar o córrego que atravessava o bairro e aterrar os mangues que contornavam o local Florentino Avidós. Terminou também a terraplenagem e construiu a atual avenida Paulino Muller, ainda avenida 15 de Novembro.

Boa parte da história de Jucutuquara está ligada ao córrego, que hoje foi coberto, por uma galeria depois de transformado em uma vala. Os transbordamentos deste córrego são bastante conhecidos pelos seus antigos moradores. Muitas vezes acabavam por se constituir em verdadeiras enchentes. Celson Elias, antigo morador, lembra que a vala separava a avenida principal de Jucutuquara em duas vias, em uma das quais transitava o bonde. Como não existiam ônibus e os carros eram ainda raros na Vitória de 20 anos atrás, a avenida Paulino Muller era bastante usada pelas crianças para as mais diversas brincadeiras, como pião, e mesmo jogo de futebol.

“A atual praça Asdrúbal Soares — diz Celson Elias — era um descampado onde se jogava bola e pião. As vezes, se cercava este descampado com tapumes, utilizando-o como depósito de Prefeitura”. No que concorda com Luiz Derenzi. Ele afirma ainda que em frente ao local hoje ocupado pela praça “havia um barracão de zinco. Nele, carvalhinho, tirador de paralelepípedos, tinha um botequim”. Neste mesmo local se encontra hoje um dos bares mais tradicionais de Jucutuquara: o A Avenida. Antigos moradores ainda o chamam de bar Realeza, seu nome anterior. Ele funciona em um prédio onde estava instalada a primeira sede do Rio Branco. Os demais bares de Jucutuquara, incluindo o pitoresco Vi-Rio, são bem mais recentes.

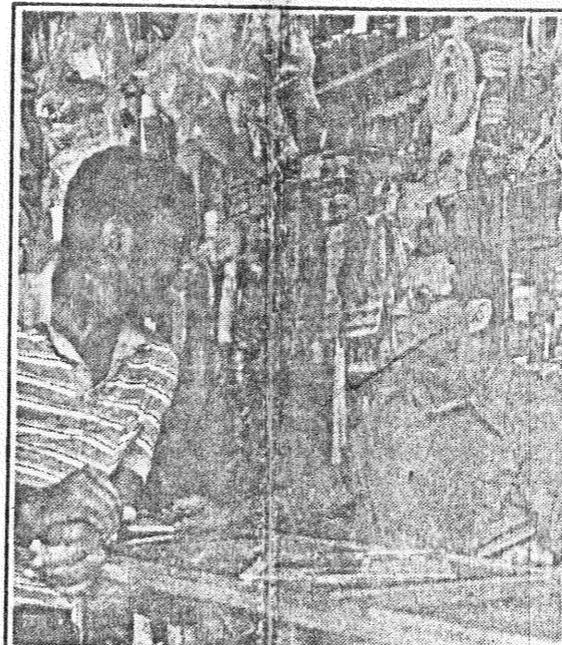


Do portão de sua casa ela vê passar o tempo num bairro que tem um passado rico de história.

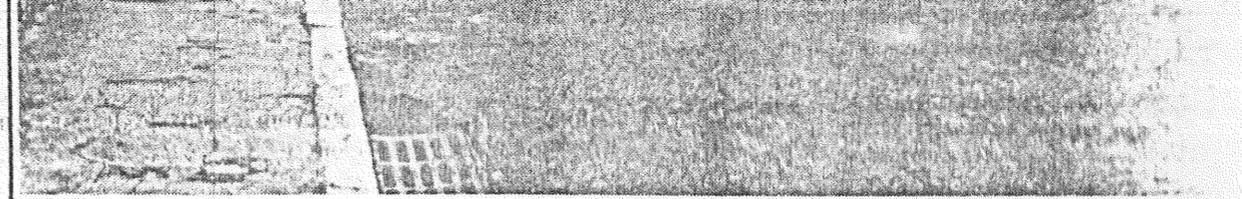
pela segunda vez, aparentemente, pois já o teria recuperado uma vez. Dizem que a rivalidade entre os dois clubes é acirrada no bairro. Como se sabe, a Desportiva só viria a aparecer por volta da década de 60, do outro lado da cidade.

Além do estádio do Rio Branco, Jucutuquara perdeu muito dos seus meios de diversão. A começar pelas próprias ruas, hoje asfaltadas e inteiramente tomadas pelos carros. Além disso, o único cinema do lugar, o cine Trianon, acompanhando a tendência geral em Vitória, fechou. Segundo seus moradores, este cinema não era dos piores: “Passavam os mesmos filmes do cinema São Luiz, pois o dono era o mesmo”, afirma Reginaldo Rosetti. Clubes nunca existiram no bairro. Entretanto, um dos seus moradores, Manoel Donêncio, organizava bailes em sua própria casa. Fora isso, só mesmo os do centro da cidade e os da Praia do Canto.

Um dos moradores mais antigos de Jucutuquara, Maurício Costa e Silva — ele faz questão de frisar que não tem qualquer parentesco com o ex-presidente da República — lembra também que seu bairro já teve coletoria e correios e telégrafos. “Acabaram com tudo isto, o que é um absurdo”, reclama o antigo morador. Maurício chegou a Jucutuquara em 2 de outubro de 1930 e tem hoje 77 anos. Segundo ele, o melhor prefeito que Vitória já teve foi Adelfo Monjardim, que fechou em parte a vala existente no meio da avenida Paulino Muller, além de melhorar o calçamento do bairro. Outra melhoria que ele teria feito diz respeito à iluminação pública. “Foi, inclusive, eu quem ligou a chave da nova iluminação”, lembra Maurício. Adelfo Monjardim



O comerciante Reginaldo Rosetti: “Aqui tem de tudo”



Jucutuquara guarda ainda alguma tranquilidade em suas ruas, onde as crianças podem até jogar bola

foi o mesmo prefeito que abriu a avenida Princesa Isabel.

AS ENCHENTES

Na época em que Maurício chegou ao bairro havia apenas uma farmácia no local, administrada pelo médico Elias Modenezi. Ele pertencia a outra família tradicional de Jucutuquara e atendia as consultas a domicílio, cobrando uma média de 10 a 15 mil réis por cada cliente. “Dependendo, ele nem cobrava”, acrescenta Maurício. Uma das coisas das quais ele mais lembra, contudo, dentro de sua vivência no bairro, foi uma enxurrada ocorrida em 1931, que chegou a destruir um galinheiro e uma pocilga, levando água, galinha e porcos abaixo. A tempestade chegou a derrubar algumas árvores e inclinar outras. Uma das árvores que foram curvadas pela tempestade ainda subsiste, exatamente em frente à mercearia Reginaldo Rosetti.

As enchentes parecem ter sido uma constante em Jucutuquara. O próprio Luiz Derenzi anota em sua *Biografia de uma Ilha* que “as marés de março transpunham a estrada da praia. As enchentes de Jucutuquara, por sua vez, causavam surpresas desagradáveis”. Segundo Reginaldo Rosetti, devido ao córrego, elas inundavam as casas, provocando grande alvoroço. Ainda assim, há quem lembre, até com certa saudade, do córrego, antes de ele ser coberto pela galeria. Teria sido o prefeito Paulino Muller que construiu

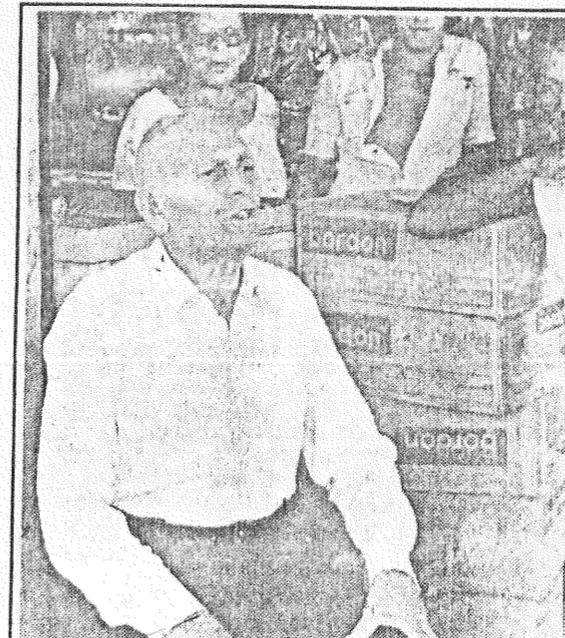
pontes “bastante pitorescas” — como diz o chinês Luk Soi Ti — sobre a vala, dando-lhe um outro ambiente.

Reginaldo observa que há uma necessidade de que se faça uma limpeza na galeria, pois seu assoreamento pode provocar problemas. As enchentes hoje são muito menos dramáticas, na opinião do comerciante. Mesmo assim, a situação poderia ficar melhor, diz ele, caso os bueiros fossem mantidos sempre desentupidos.

Luk Soi Ti chegou a Jucutuquara, com seu pai, há 32 anos, estando hoje com 58 anos. Mantém a fisionomia sorridente que tão bem caracteriza os chineses, revelando, além disso, forte sotaque. Ele possui uma lavanderia logo no início do bairro e que leva seu nome. Trata-se de uma das figuras tradicionais de Jucutuquara, que afirma gostar muito do bairro ali morando desde quando chegou ao Brasil. Para ele, o que mais mudou o aspecto do lugar foi a retirada da vala.

TRANQUILIDADE

Celson Elias não critica a medida: apenas acha que o desaparecimento da vala mudou um pouco a fisionomia do lugar.



Maurício Costa e Silva: vive há 50 anos no bairro

Morando no bairro desde quando aí chegou com seis anos de idade, ele passou recentemente anos no Rio de Janeiro. Voltou ao bairro, tendo abandonado “carreira ascendente” em banco para poder retornar a esta ilha.

Apesar de certas mudanças inevitavelmente ocorrem no bairro, notável o fato de que os prédios não invadiram Jucutuquara. Celson Elias arrisca uma explicação: “No primeiro lugar, as pessoas de aqui ainda são um pouco conservadoras. Depois, trata-se de um lugar muito valorizado e se alguém constrói um prédio aqui teria que cobrar preço muito elevado por cada unidade de apartamento. E pouca gente hoje tem dinheiro para comprar apartamento muito caro”. Celson observa que Jucutuquara é um bairro essencialmente classe média, mas que preserva muitas características provincianas que a história já perdeu.

Para Reginaldo Rosetti, é no bairro onde se pode encontrar praticamente de tudo em termos de comércio, sendo relativamente independente do centro de Vitória, qualquer forma, o centro está tão próximo de Jucutuquara. Reginaldo comentou que não há praticamente violência naquela região. “Nos últimos 20 anos só me lembro de crimes cometidos dentro do bairro, último dos quais cometido há quatro anos.” Uma reclamação que, como morador antigo do bairro, parece ser uma reclamação generalizada por parte dos decanos de Jucutuquara, diz respeito às discotecas instaladas perto da praçinha. “Essas discotecas fazem barulho demais”, diz Reginaldo. Ele conta ainda que costuma ir à noite à praçinha para poder conversar com os amigos. Para ele, como para muitos outros moradores de Jucutuquara, a praçinha mantém o mesmo sentido que tem nas cidades do interior: um local onde as pessoas descansam e passam o tempo conversando.

Na praçinha de Jucutuquara, tarde e pela manhã, é possível encontrar muitos dos antigos moradores do bairro, principalmente os aposentados, conversando. Apesar do alto tráfego em volta e dos movimentados pontos de ônibus instalados.